

Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil - Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antonio Gouvêa Mendonça

Ângela Cristina Borges Marques

*Marcelo Rocha**

Edênio Valle (PUC-SP)

REVER: O que o senhor poderia nos falar sobre a chegada das Ciências da Religião ao Brasil?

EV: É preciso fazer uma distinção entre o período pré-científico, de tentativa de compreensão da religião, e o momento posterior, quando foram instaurados um método e uma conceitualização mais rigorosos. Na minha opinião, as Ciências da Religião têm início no Brasil quase que simultaneamente à chegada dos portugueses, que se viram diante de um grupo humano, de uma cultura e de uma religião completamente diferentes de tudo o que eles conheciam. A visão religiosa desses portugueses era muito restrita e, por conta disso, eles tinham que se perguntar que religião era aquela. Esse é, a meu ver, o início das Ciências da Religião no Brasil – talvez no senso comum, certamente com algum preconceito cristão-português-lusitano, etc.

REVER: Qual o papel da Igreja nos estudos iniciais das Ciências da Religião no Brasil?

EV: Nós temos entre os cronistas, entre os primeiros jesuítas, uma série de elementos que são de Ciências da Religião – apenas o nome, a designação científica, é que não existia. Do ponto de vista etnográfico, antropológico e de comportamento, há amplas descrições que começam com o Padre Anchieta. Temos também cartas de brasileiros e de jesuítas que estavam no Brasil, um verdadeiro tesouro arqueológico pouco explorado. Mais tarde, no séculos XVIII, XIX e início do século XX, há uma série de estudos que eu classificaria como os passos iniciais de um estudo mais sistemático, de uma tentativa de compreensão das religiões que existiam no Brasil.

* Mestrandos em Ciências da Religião do Programa de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (turma: primeiro semestre de 2006).

REVER: O senhor poderia falar mais sobre esse período “pós-jesuítico”?

EV: Em termos mais formalmente científicos o período produziu duas linhas de estudo: uma, seguindo um pouco a Sociologia positivista de Augusto Conte; a outra, de tentativa médico-psiquiatra de compreensão do fenômeno. Em meados do século XIX aparecem alguns estudos e também teses defendidas na faculdade de medicina, uma vez que ainda não existia Sociologia. Lendo essas teses - e eu tenho duas delas - a gente percebe que realmente havia um esforço de se entender cientificamente a religião. Nesse momento, nós estamos celebrando cem anos do livro do médico Nina Rodrigues. Um autor que assumiu certas idéias hoje consideradas muito errôneas, de origem francesa, de origem alemã, para explicar a religião. Ele as aplicou, por exemplo, para explicar o comportamento dos indivíduos a quem chamava “fanáticos”, ou seja, ele patologizou a expressão religiosa. Antonio Conselheiro e seus adeptos foram conceituados dessa forma. É uma posição sem dúvida muito preconceituosa, eurocêntrica, que via o próprio modelo como o único válido e capaz de julgar o outro, o diferente. Penso que é aos poucos que têm início as Ciências da Religião.

REVER: Qual o papel da USP para o estudo das religiões no Brasil?

EV: Nós podemos falar mais especificamente em “Ciências da Religião” com a fundação da USP, quando chegam ao Brasil professores franceses como Lévi-Strauss e Roger Bastide. Esses já fazem, realmente, uma Sociologia da Religião, uma Antropologia da Religião que, aliás, teve muito efeito também na Europa, não só no Brasil. Aí se instaura, de fato, um núcleo de estudos mais específicos em Ciências da Religião. Mas a coisa não pára por aí. Se nós pesquisarmos um pouco a história dos seminários católicos no Brasil, chegamos a outros indícios de um tratamento mais científico à religião. Eu recordo, por exemplo, do seminário de Olinda e Recife, que é praticamente a matriz do cientificismo no Brasil e que gerou, por exemplo entre os carmelitas do Nordeste, um grupo importante de cientistas como o Frei Veloso, um dos grandes naturalistas do Brasil. Nós temos, aí, toda uma tentativa – muito mais sofisticada, é certo - de se entender a religião. E eu penso que não seria difícil encontrar outros indícios que demonstrassem que o fenômeno religioso estava sendo estudado sob vários pontos de vista que não os da fé e da Teologia católica. Eu penso também que a chegada das religiões evangélicas, sobretudo as de origem norte-

americana, e do Protestantismo luterano, trouxeram abordagens do fenômeno que eu classificaria como de Ciências da Religião, no sentido muito amplo do termo. Agora, em termos mais específico, as Ciências da Religião só vão surgir mesmo nos últimos trinta anos.

REVER: Como surgiu a idéia para a implantação desse curso em nosso país?

EV: Eu acho que na matriz dessa idéia está, em parte, a preocupação das igrejas históricas, a católica e algumas protestantes (os luteranos e, muito especialmente, os metodistas), em compreender o fenômeno. Essas igrejas é que fundaram realmente grupos de estudos nesta direção. Por outro lado, isso também vem do avanço da Sociologia e da Antropologia brasileiras, porque do seu ponto de vista é que começam os estudos. A História e, em menor grau, a Psicologia, também trilharam esse caminho. Em 1965 na PUC-SP nós fundamos, junto com professores da USP, uma Sociedade Brasileira de Psicologia da Religião. A Unicamp – para você ver como a coisa é antiga – ainda não existia. A percepção era de que se fazia necessário um estudo mais específico do tema. Em termos de um estudo *das* Ciências da Religião, porém, penso que é algo *a posteriori*. E é interessante notar que a coisa começa pela pós-graduação e não pela graduação, porque o estudo de religião no nível de graduação era mais da Teologia, de uma disciplina de Ciências Sociais, de uma ou outra disciplina de Psicologia e de Antropologia. A Antropologia é que estudou o fenômeno mais a fundo. Nesse caso, a escola da USP tem uma importância muito grande, mas nós (a PUC-SP) também tivemos vários professores que deram início às CR no Brasil. Agora, um esforço de unir as várias disciplinas e buscar um trabalho conjunto - com uma abordagem não multidisciplinar, mas pluridisciplinar, interdisciplinar –, eu penso que é coisa de trinta e cinco ou quarenta anos para cá. Nosso programa [PUC-SP] é pioneiro, em breve vamos completar trinta anos.

REVER: Qual foi a intenção ao se criar este curso no Brasil?

EV: Vou falar em três fatores. Primeiro, sentia-se que o estudo da religião estava fragmentado. Um sociólogo vinha por aqui, um historiador por lá, o psicanalista tinha outro ponto de vista... ou seja, sentíamos a necessidade de unificar um pouco o estudo. Além disso, havia tradições universitárias de outros continentes, de outros países, relacionadas ao tema. O “Study of Religion” é uma coisa antiga nas grandes universidades dos Estados Unidos e é uma tradição na universidade alemã. Também nesses países há essa lenta

passagem da Teologia para as ciências. Mas eu sinto que modelos e teorias de estudos originários de outros países influenciaram um pouco o que estávamos fazendo aqui. Esse é o primeiro fator. O segundo fator é o de aglutinação de especialistas, porque nenhuma disciplina ou cientista sozinho abrange tudo. Essa pretensão da Sociologia, de falar em nome de todo mundo, da Teologia, não tem sentido. Existe, portanto, a intenção de reunir professores e pesquisadores de várias ciências em um esforço coletivo e numa espécie de diálogo. É algo, inclusive, difícil de se levar adiante com certo método. O terceiro fator é a evolução do fenômeno religioso brasileiro. Nós vínhamos de séculos de hegemonia católica, depois chegaram os protestantes... ou seja, houve uma primeira separação, mas ela não foi tão forte - o Cristianismo católico e o evangélico são muito próximos. Mais tarde chegaram o Espiritismo, as religiões da África, os japoneses e as culturas do Oriente. A fase que se verifica após a segunda guerra mundial mostrou claramente que o Brasil havia se tornado um mosaico religioso. Eu penso que todas essas mudanças levaram os cientistas sociais ou os que pertencem às Ciências Humanas a pensar em estudar o fenômeno. Não a partir da Teologia ou desde um paradigma pastoral, mas como fenômeno em si. Eu acredito que a evolução da sociedade brasileira, da cultura, das igrejas e religiões no Brasil é que levaram à idéia de sondar o tema mais a fundo, superando as abordagens fragmentadas e estabelecendo um olhar multidisciplinar.

REVER: Qual foi a idéia inicial que deu formatação ao primeiro curso?

EV: Que eu saiba, o início formal das Ciências da Religião se deu na PUC-SP e na Metodista. Eu me lembro muito bem de que um dos nossos objetivos era inscrevê-las no quadro das ciências brasileiras, ou seja, no MEC, no CNPq e na CAPES, mostrando que se tratava de um corpo de conhecimentos mais específicos, com um estatuto formal. A Sociologia, por exemplo, não pesquisa a religião, mas a sociedade. A mesma coisa acontece com a Antropologia ou com a Psicologia. A Psicologia não pesquisa a religião, mas a psique humana de onde emerge a religião. Eu sinto que o desejo de iniciar uma discussão interdisciplinar, que não deixasse a Teologia isolada do contexto dos debates e das mudanças, partiu mais das igrejas. Na PUC-SP nós tínhamos duas preocupações: nos diferenciar das Teologias – que também são ciência, mas com outros pressupostos, epistemologia, métodos, etc. – e não permanecer como objeto secundário da Sociologia, da

Etnologia e da Antropologia. A intenção era dar um estatuto científico e uma identidade ao estudo da religião no quadro das Ciências Humanas no Brasil. Esse problema não está totalmente resolvido, mas nós avançamos muito e hoje as Ciências da Religião são reconhecidas academicamente do ponto de vista de políticas e leis que regem o ensino superior no país nos níveis de graduação e de pós-graduação. Além disso, há uma diferenciação em relação à Teologia, o que é interessante. Essa diferenciação, porém, não é completa, na razão em que não se deve excluir a Teologia do grande corpo e abordagens do estudo da religião. Há pessoas que dizem “não, eu faço ciências, Teologia é coisa de quem crê” – não acho que a perspectiva deva ser essa...

REVER: Qual a influência da Teologia no curso de Ciências da Religião? Como podemos identificar esta influência?

EV: Há dentro das Ciências da Religião uma tendência a realmente separar, e radicalmente. Na Alemanha, por exemplo, são pouquíssimos os cursos de Ciências da Religião que estão ligadas à Teologia. Quase todos estão ligados à Sociologia ou a outras áreas das Ciências Humanas. Isso sob o ponto de vista da grade curricular, da definição, do específico da abordagem na discussão científica. Eu penso que, por um lado, é importante distinguir uma coisa da outra, sob pena de “darmos um nó” na cabeça. As Teologias ainda não estão acostumadas a dialogar com as ciências. As Ciências Humanas, por sua vez – graças à influência do Positivismo, do conceito francês de ciência, da separação tardia entre Estado e Igreja – também têm dificuldade em dialogar com a Teologia. Por conta disso, a Teologia ficou na sacristia. Foi só com a Teologia da libertação é que ela conseguiu ter interlocutores nas Ciências Sociais, Política, História. Até aí, tudo o que se fazia partia do catecismo, da fé, da Bíblia. Mas, nos últimos 30 anos, eu acho que ela participou do debate. E a evolução segue. Na PUC, por exemplo, houve uma discussão epistemológica nos conselhos universitário e de ensino e pesquisa, e nós decidimos transformar uma disciplina isolada em um departamento de Teologia. Quando surgiu a pós em Ciências da Religião, os professores foram alocados no departamento de Teologia, só que eles não faziam Teologia. Então, o próprio departamento se transformou em departamento de Teologia e de Ciências da Religião. Há, no momento, quem diga: “olha, talvez seja melhor dividir os dois departamentos, porque dá uma identidade mais clara ao que este grupo de professores vai

fazer”. A gente distingue não para separar, mas para poder possibilitar um intercâmbio, cada um sabendo desde que lugar epistemológico, desde qual corpo teórico e pressupostos esta falando, qual método, etc.

REVER: Qual a formação dominante dos professores que iniciaram este curso?

EV: No início eram teólogos, alguns filósofos - que eu acho que eles eram mais ideólogos do que filósofos. E os médicos. A psiquiatria teve muita influência no estudo da religião. Infelizmente foi uma influência caolha, unilateral, que eu acredito estarmos conseguindo superar. A entrada da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia é relativamente recente. No caso da Psicologia, o reconhecimento da profissão de psicólogo, que eu saiba, é de 1964. Então, eram médicos que estudavam um pouco de psicanálise, um pouco de psiquiatria, desde aí se falava sobre a religião, ou então eram padres e pastores que tinham as suas preocupações. Às vezes de defesa, às vezes de explicitação da fé, outras vezes um tanto cataquética, apologética... também faziam um pouco de Ciências da Religião. E os historiadores também, os que contam histórias do país, por exemplo os grandes cronistas. Nós temos a “Coleção Brasileira”, da Editora Nacional, com centenas de textos escritos de 1600, 1700. Então eu acho que é por aí que a coisa começa, mas a definição de Ciências da Religião é recente.

REVER: Qual a nomenclatura inicial para se referir ao curso?

EV: A nomenclatura vinha das ciências representadas pelos professores. Nós não tínhamos ainda o conceito de núcleo. E aí a gente dizia: “você vai dar Filosofia da Religião”. Eu dava “Psicologia da Religião”, dei “Introdução às Ciências da Religião” por vários anos, [José] Queiroz também. Ministrei “Metodologia” e logo nós começamos as orientações das teses. Eu acho que a orientação de teses é que profissionalizou o trabalho. Professores mais conhecidos, como Hugo Asmann, Rubens Alves e Carlos Brandão na época estavam na Unicamp e não podiam ficar aqui muito tempo, e nós ficávamos. Nós éramos da PUC-SP, tínhamos contrato em tempo integral. Isso é que foi dando mais consistência à coisa. Então, pouco a pouco, definimos o rosto do programa. Num certo momento vieram as normas do MEC e nós tivemos que nos adaptar. A CAPES, na minha opinião, coloca o Programa em uma camisa de força. Porque nós só vamos passar de cinco para seis se fizermos o que a CAPES manda e não o que nós pensamos. Na minha opinião, isso é uma influência indevida

do Estado, que tem o dinheiro e o poder de legislar sobre a iniciativa de quem pensa, que precisa de liberdade acadêmica para produzir pensamento. Agora, há muita gente que quer se meter mesmo. Que pensa que é preciso ter conceito seis, sete para ganhar acesso a mais bolsas. Eu acho que isso é a negação da universidade. Nós passamos a ser uma corporação, da mesma forma como o PT no poder. Sempre falamos de um curso crítico, voltado realmente para a religião do nosso povo, devotado a estudar mais isso. Também a própria universidade. Nossa idéia era não criar uma elite, uma burguesia, e sim “gente”. Eu sinto isso, que o curso de Ciências da Religião poderia preservar um veio crítico muito sério, de não acomodação à lógica da ciência produzidas pelo sistema.

REVER: Quais as diferenças entre o primeiro curso e os cursos que funcionam hoje?

EV: Do que eu conheço da Metodista, lá a influência da Teologia da igreja era muito forte. E as pessoas vindas da França, da Universidade de Estrasburgo - protestantes, mas no sentido moderno de ciências - tinham feito doutorado em Ciências da Religião. Eles é que trouxeram a idéia de que isso [o campo de estudo das CR] é um corpo de conhecimentos autônomo. Na PUC, nós sempre tivemos um grupo de intelectuais que discutiam a fé cristã, a Teologia cristã com os estudantes. Nós tínhamos, na época, uma cadeira que se chamava “Cultura Religiosa”, e tínhamos um corpo docente muito ativo e muito entrosado com a vida da universidade. Eram quase todos ou padres ou leigos ligados à Ação Católica. A formação sempre foi mista e o cursos nunca foram de Teologia, mas de discussão de problemas à luz da Teologia. Aí começou uma comparação entre as condições da Teologia cristã e as de outras ideologias, sistemas de pensamento, religiões. Eu comecei a dar aulas aqui em 1967 e conheci isso funcionando. Esse trabalho teve muita influência, inclusive na política e na sociedade. Muitos políticos famosos pertenceram à PUC e se formaram dessa maneira. Então, penso que aqui [na PUC], a influência da Igreja nunca foi muito forte. Em quase quarenta anos aqui, nunca percebi um trabalho teológico. Agora, ao lado, na Juventude Universitária Católica, a JUC, havia toda uma série de formações teológicas de intelectuais. Eu mesmo morei aqui na casa paroquial, por isso é chamada de paróquia universitária. E nós lá reunimos grupos de todos os tipos, inclusive comunistas, ateus, subversivos, terroristas, guerrilheiros. Por aqui passou tudo isso! Esse foi um papel muito típico da PUC, e que eu acho que nós temos que refazer da maneira certa. Para nós as Ciências da Religião

são um instrumento importante para uma análise crítica do todo da sociedade. Eu acho que uma característica que identifiquei sempre nosso Programa foi essa: uma visão ampla de religião. Nós tivemos entre os nossos primeiros professores um nome vocês conhecem, o Rubem Alves, ele ensinava Filosofia da Religião. Esse livro dele, “O que é religião?”, era o que a gente ensinava para os primeiros alunos do programa. Nós tínhamos o Hugo Assmann, que é considerado o maior conhecedor, na América Latina, da temática que envolve marxismo e religião. E o Cândido Procópio, e a Beatriz Muniz de Souza. Nós é que começamos a coisa aqui. Depois chegou o José Queiroz e também o antropólogo Carlos Brandão.

REVER: Qual foi o paradigma de trabalho nesses primeiros anos na PUC-SP?

EV: Desde o início nós tínhamos uma visão ampla do estudo. Sempre me preocupou o fato de que o aluno médio, mesmo o formado em Teologia, chega com uma visão muito ingênua de religião. Então é preciso desconstruir para conferir uma visão crítica, científica da coisa. Em nosso grupo éramos todos cristãos assumidos e com uma série de críticas à Igreja, mas isso é outra coisa. Sempre víamos o estudo da religião conectado a uma grande problemática da humanidade, a questão de Deus, dos deuses, do sagrado. O livro do Cândido Procópio sobre o tema - “Católicos, protestantes e espíritas” -, por exemplo, ficou famoso. Quando nós fundamos o programa ele já havia escrito o livro. Era um pouco o que a gente queria, fazer estudos comparativos. Aliás, em algumas línguas fala-se “estudos comparativos das religiões”, como se fala “estudos comparativos da cultura”, “estudos comparativos da língua”. Nós tínhamos isso em mente e eu acho que essa perspectiva não foi perdida. Eu sinto que nos tornamos mais técnicos, mais especializados, o que é um perigo: cada um fala a sua linguagem e o aluno fica lá, e que faça a síntese que conseguir. Antes a coisa era mais fácil até por conta da ditadura militar. Era mais fácil, a gente dizia: “a religião tem uma função sim”. Nós não estávamos mais brigando com ateus, materialistas... os próprios comunistas faziam essa ligação. No início havia um outro comunismo militando na PUC, muito agressivo em relação à Igreja, mas naquele momento ele se transformou. Dom Paulo Evaristo Arns era o grande nome a defender o Estado de Direito e isso apaziguou muito a relação. Naquela época, ao lado dos cursos de pós-graduação em Ciências da Religião, junto com a PUC-RJ nós iniciamos o trabalho do Centro de Estudos da

Religião, o CER, que é inter-universitário e existe até hoje. Eu também era membro do ISER, o Instituto Superior dos Estudos da Religião. Por fim, criamos também fora da universidade grupos de intelectuais que discutiam grandes problemas de religião. O grande tema era Religião e Sociedade, que é o título da revista do ISER.

REVER: E qual o paradigma, qual a situação hoje?

EV: Hoje o que vejo a coisa mais profissional, há também uma cobrança maior por parte da universidade. Eu sinto que a universidade começou a valorizar. Não todo mundo, evidentemente, há quem torça o nariz até hoje. E nosso grupo mostrou a sua qualidade acadêmica. Nós começamos sem uma única tese. Tínhamos nosso próprio trabalho que o pessoal respeitava. E eu também penso o seguinte: se eu não estivesse realmente na direção da universidade, o curso de Ciências da Religião teria sido boicotado. Muita gente pensa: “Isso não tem sentido, eu faço Sociologia, eu faço Antropologia.” Mas eu tinha força política. Houve coisas muito interessantes. Eu fui aos EUA e visitei onze universidades. Em cada uma eu ia ao setor de estudos das religiões, e eles têm centenas de cursos da religião, procuradíssimos. Há engenheiros, médicos, jornalistas. E, no Brasil, isso é coisa de padre! Não, isso é coisa de todo ser pensante, e a ciência nasceu para pensar criticamente, analisar. Eu acho que o surgimento do nosso programa e a academicização do departamento de Teologia ajudaram - isso é uma comparação com a fase anterior - a colocar esses estudos dentro da academia e dentro da comunidade científica. Isso é um fato novo. Há uma cobrança de rigor, de método, há uma expectativa. Nós somos reconhecidos como interlocutores de outros grupos e eu sinto também que as religiões constituídas, com seus representantes, ficam com medo porque a gente fala coisas que eles nunca ouviram. Quem estuda Teologia estuda um pouco de História, Psicologia, Sociologia, mas faz um estudo em situações precárias. Ao passo que, aqui, estamos há anos estudando. Temos centenas de teses, então é um conjunto, um acervo de conhecimento que vai sendo acumulado. Um patrimônio científico. Os especialistas que começam a entender o que a gente está falando.

REVER: No momento, o que podemos afirmar: Ciência da Religião, Ciências das Religião, Ciências das Religiões?

EV: Eu acho que cada uma das denominações tem vantagens e desvantagens. Eu, pessoalmente, mantenho, no Brasil, “Ciências da Religião”. Porque se digo “ciência”, afirmo que realmente as ciências têm um aparato teórico, metodológico e uma epistemologia comum – isso eu acho que temos, é só ver os professores. Então, é voluntarista falar em “ciência”. Agora, minha dúvida vem mais da palavra “religião”, porque na realidade há um mosaico de religiões e, com a modernidade, com a crise da modernidade, aumenta o número de religiões, tanto que cada indivíduo, cada grupo está criando sua religião - fica difícil falar em “religião”. Mas, ao mesmo tempo, num olhar mais filosófico e teológico, também é possível falar na coisa fundante mais ou menos comum. Por isso, penso que ainda é melhor manter “Ciências da Religião”. Agora, o estudo científico não se faz sobre religião, esse é um universal abstrato, se faz sobre religiões. Então, há razão para falar em Ciências das Religiões. Agora, cada país usa de uma maneira e eu gosto muito da solução norte-americana, que não usa a palavra “ciência” - que é muito presunçosa - e usa “estudos da religião”, assim mesmo, no plural. É engraçado, nós imitamos em tudo os norte-americanos, menos nisso. Engraçado também que, quando nós fundamos o curso, eu estava em Harvard e nas universidades de Boston e Chicago. E tinha um prospecto com vinte, trinta, quarenta cursos na área de Estudos da Religião. Desde o início era mais “ciência” ou “ciências” - e eu dizia que era mais objetivo “ciências”. E era interessante, os professores de Sociologia e Antropologia aceitavam “ciências” e teriam dificuldade com “ciência”. Eu me lembro de uma tarde em que fui à casa do Cândido Procópio - ele morava aqui no Pacaembu, com a Beatriz Muniz de Souza, socióloga, que foi uma das primeiras estudiosas científicas do Protestantismo em São Paulo - exatamente para conversar sobre isso, porque nós tínhamos que definir o nome. Eu estava encarregado do pré-projeto e, quando entrei, ele falou: “acho que é mesmo Ciências da Religião”. Minha resposta foi “Eu também acho” e nós resolvemos batizar assim. E no Conselho da pós-graduação passou fácil.

REVER: O primeiro processo seletivo, a primeira turma. Qual a configuração?

EV: A gente exigia os documentos formais que qualquer pós exige. Fazíamos uma entrevista e pedíamos que o candidato chegasse com uma idéia, um tema. Eu me lembro das primeiras teses que orientei, elas eram muito semelhantes às que a gente orienta hoje. Lembro-me de um padre italiano, um cara muito inteligente. Ele fez uma análise comparativa sobre o processo de identidade ou crise de identidade que se dá em pais-de-santo que estão em regiões de periferia, onde o prestígio das igrejas pentecostais e do padre católico e a Teologia da libertação eram fortes. Um estudo sobre identidade do funcionário religioso em situação de stress. Um outro aluno que fez comigo a tese é, hoje, professor de Psicologia da Religião em São Leopoldo. Ele foi aqui para Ferraz de Vasconcelos e estudou o campo religioso. Um outro fez uma análise do processo de mudança de mulheres que passavam a ser ativas em comunidades de base da Igreja Católica. Uma outra, que morreu de câncer bem jovem, uma excelente cabeça, fez uma tese teórica sobre religião em Althusser. Althusser que, na época, era colocado nas nuvens pelo pessoal do Partido Comunista. A gente tinha bem noção do que era Ciência da Religião. Agora, o grupo que chegou era muito ligado mesmo à preocupação religiosa, isto depois mudou, são mais profissionais, muita gente ligada as áreas de Psicologia e Ciências Sociais.

REVER: Aqui na PUC houve conflito entre o pensar teológico e o pensar científico sobre o estudo das religiões?

EV: Conflito não houve. Agora, o problema existe, é real e eu acho que é importante. Há uma certa tensão. Pela evolução histórica e também porque as Ciências da Religião, em comparação com a Teologia, nasceram ontem. A Teologia tem milhares de anos, a Teologia judaico-cristã. Então não é só assim, porque alguém escreveu um livro, que a gente começa a repetir que conhece Teologia. As Teologias têm uma vitalidade e elas - as Teologias inteligentes - aceitam o desafio do pensamento, são uma forma de pensar o mundo. Em todas as épocas, as grandes igrejas por vezes davam tiradas teológicas muito importantes, eu vivi isso. A gente sai de uma concepção aristotélico-tomista de Teologia e vai para uma concepção de Teologia muito difícil dentro da religião, isso dá um nó na cabeça de quem não sabe pensar, não sabe modificar suas categorias de pensamento. Na PUC eu senti uma tensão, havia uma certa resistência. Gente preconceituosa mesmo, que dizia que religião era

besteira, que religião já era e que de nada adiantava estudar algo que acabaria quando chegasse a hora da ditadura do proletariado. Até que eles observaram o caso de Cuba. O livro do frei Betto, “Fidel e a Religião”, teve um impacto muito forte aqui. O tempo jogou por terra esse preconceito e mostrou que religião é um negócio sério, que não acaba assim...mas, em verdade, eu acho que a existência de um campo de tensão é produtiva, é ideal para a pessoa saber distinguir um pouco as coisas. Acho que a convicção religiosa equilibrada é uma coisa, a imatura e a neurótica são outras, e a maneira como você elabora o pensamento crítico, se situa como pessoa, como ser humano, como cidadão, é ainda uma coisa diferente. O ideal seria fazer uma síntese, o que nem todo mundo consegue.

REVER: Quais os argumentos que você utilizaram contra essa resistência?

EV: Eu diria que nós não discutimos, nós mostramos que somos capazes de produzir conhecimento e nas bancas vocês vêem, vem gente de todas as áreas, gente da USP, da Unicamp... eu acho que foi mesmo a qualidade do trabalho que mereceu o respeito da academia, da comunidade científica, e eu creio que, a essa altura, as Ciências da Religião vieram pra ficar. Penso também que o fato de muitos brasileiros terem saído da influência francesa também é importante. Porque na França, depois da Revolução, houve um corte mesmo: Igreja pra lá e Estado pra cá, a secularização, e isso marcou muito o pensamento francês. Agora, quando a USP começou foi interessante, vieram cientistas tipicamente franceses interessados em religião. Acho que isso ajudou. Agora, no campo da Filosofia, não: lá, os franceses até hoje são muito hostis as religiões. Na Alemanha não, lá há vários pensadores importantes - alguns nós estudamos aqui - que não têm essa ojeriza em relação à religião. O trabalho mostrou que é possível, e eu sinto que hoje a universidade tem muito mais sensibilidade pra estudos interdisciplinares. Qualquer objeto de pesquisa é complexo, se um sociólogo não conhecer História ele vai falar muita bobagem, se o psicólogo conhecer Sociologia, idem, não só sobre religião, mas sobre tudo. No momento, os economistas se acham capazes de predizer. Não sei se aquilo é ciência, é matemática, algo cheio de cálculos, porque a economia é um jogo muito complexo... e a religião também está lá, em muitos fatores – inclusive na ameaça atômica feita por um líder islâmico.

José J. Queiroz (PUC-SP)

REVER: Quais foram os principais mentores para a formação do curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião na PUC-SP?

JJQ: Temos o Edênio Valle, Alípio Casali, Mauro Batista e o pessoal do Departamento de Teologia, que, mesmo não estando diretamente no curso, ou melhor, no mestrado, também dava apoio. São todos professores que davam um apoio muito grande e que dialogavam conosco no início do nosso programa.

REVER: Qual o papel fundamental deste grupo?

JJQ: O papel fundamental do grupo que iniciou o programa, em um primeiro momento, era pensar cientificamente. Pensar, por exemplo, as disciplinas, os projetos, depois as linhas de pesquisas, seus diferenciais teóricos, subsidiar as pesquisas...enfim, a teoria foi a primeira preocupação científica. Depois, foi dar apoio ao programa nascente, já que, sem o devido apoio político, ele poderia desaparecer do mapa. E, em seguida, apoio de diálogo, uma discussão da temática, orientação dos alunos, divulgação do programa. Enfim, foi um apoio muito intenso e um papel fundamental o desse grupo inicial e corajoso. Sem ele, o programa de Ciências da Religião da PUC-SP não existiria.

REVER: Foi realizada alguma pesquisa para a implantação do curso na PUC?

JJQ: Uma pesquisa propriamente dita não houve. O que existiu foram sondagens para saber. Porque era assim: o departamento de Teologia era um departamento entre aspas, isolado. Por que isolado? Porque sua responsabilidade principal era, na graduação, ministrar a disciplina “O Pensamento do Problema Filosófico Teológico do Homem Contemporâneo”, depois “Introdução ao Pensamento Teológico”. Era essa a atribuição primordial e principal do departamento. Ora, essa atribuição ficava reduzida ao primeiro ano, porque eram alunos do primeiro ano que recebiam a disciplina. E o departamento não estava - aliás, não está - filiado a nenhuma faculdade. Coisa estranha, mas não está filiado a nenhuma faculdade. Não houve uma faculdade de Teologia na qual o departamento se inserisse e pudesse então fazer uma discussão mais ampla da religião no Brasil. Houve, sim, uma faculdade de Teologia onde até hoje rola uma discussão. A faculdade de Teologia que sempre foi da PUC-SP, na verdade, é a Faculdade de Teologia Assunção. Sempre foi da PUC,

nominalmente pertence à universidade, mas nunca esteve articulada com ela. Até hoje existe essa discussão. Não havendo uma possibilidade de ampliação do estudo da religião, portanto, é que houve essa conversa, essa troca de idéias para implantar uma pós-graduação, um mestrado para suprir esse vazio dos estudos das religiões na própria Universidade Católica. E aí aconteceram, realmente, várias conversas e encontros em bases mais amplas. Foi aí então que surgiu a implantação do curso. Mas não foi feita uma pesquisa de mercado para detectar os clientes.

REVER: Quais os argumentos usados para validar este curso?

JJQ: Primeiramente, a ausência de estudos de religião na Universidade Católica, sua restrição apenas a uma disciplina do ciclo básico do primeiro ano. Depois, o próprio pluralismo religioso, que demandava um estudo mais amplo da religião como tal e não apenas no sentido teológico. O fenômeno religioso plural e inserido no contexto latino-americano precisava de um estudo mais profundo. Os outros argumentos que convalidaram a nossa entrada nessa área são: o que seria uma religião no contexto latino-americano? Como seria estudada? Para que serve?

REVER: Qual a configuração para o processo de seleção para a formação da primeira turma?

JJQ: Já nas primeiras turmas era feito um processo seletivo. Não havia o exame de línguas na seleção, como existe agora. Mas era feito um estudo de seleção mediante um texto, análise do currículo e uma entrevista. Nós tínhamos um boletim na época em que eu era coordenador, um boletim muito interessante, que lá pelas tantas parou porque, enfim, nós somos geralmente preguiçosos e havia dificuldade em enviar notícias para essa publicação. Mas ele circulou durante dez anos. Era um documento interessante porque dava notícia dos que ingressavam nos programas, das dissertações, das aprovações dos alunos, a evolução do próprio regulamento. As edições estão arquivadas em algum lugar. Seria interessante encontrá-las para fazer um estudo histórico.

REVER: O senhor lembra do perfil, das características das primeiras turmas e trabalhos ?

JJQ: Depois de tanto tempo, vinte anos ou mais, é difícil lembrar das primeiras turmas. Havia uma ênfase muito grande no referencial teórico dialético. Interessante ver as primeiras dissertações e como isso é bem patente.

REVER: Houve nesse início conflitos entre o pensar teológico e o pensar científico sobre o estudo das religiões?

JJQ: No início não, porque nós usávamos um referencial predominante. Era o mesmo referencial teológico da nossa Teologia latino-americana, uma análise dialética da religião e uma análise dialética da sociedade. Existia, então, uma articulação importante. Não havia, portanto, o pensamento de que deveríamos nos separar da Teologia porque ela segue por um viés e nós vamos por outro, não havia essa discussão. O que existia, sim, era um bom senso de enfoque. E, como nós estávamos no início - ainda hoje estamos no início, nosso programa está apenas começando - não era de bom alvitre comprar briga com a Teologia. Pelo contrário, nós estávamos em uma área de pós-graduação em que Ciências da Religião ou Ciência da Religião e Teologia estavam - e ainda estão - afetas à área da Filosofia. Então, a nossa perspectiva política, além de científica, era de não-separação da Teologia, mas de soma para que com essa área pudéssemos implementar uma pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião. De forma a que pudéssemos adquirir consistência e até poder científico e político para ganhar independência em relação à própria Filosofia.

REVER: A implantação do curso produziu essa consistência e essa força?

JJQ: Nós ainda não temos força e nem consistência. Só ficaremos independentes mesmo unindo forças sem realmente nos submeter, porque submissão existe à Teologia. Agora, é preciso, evidentemente, tomar cada vez mais consciência do que significa Ciência da Religião e Ciências da Religião no Brasil. Do que significa formar um cientista da religião. Portanto, essa discussão que agora se instaura a partir da iniciativa dos professores Frank Usarski e Luiz Felipe Pondé é semântica e epistemológica também: o que seriam “Ciências da Religião” ou “Ciência da Religião”? É uma discussão muito fértil, muito boa, porque nos chama a refletir sobre o que nós somos e o que poderemos ser. Hoje, nosso futuro depende exatamente de um aprofundamento dessas questões todas.

REVER: Qual a nomenclatura inicial para se referir ao curso?

JQQ: Na verdade, vimos que o nosso enfoque era um referencial analítico dialético e nós éramos muito subsidiários, naquela época, da Teologia. Não havia absolutamente nenhuma atitude de separatismo em relação à Teologia, embora o programa não fosse de Teologia. Havia muita articulação com a Teologia, só que era uma Teologia adjetivada, latino-americana, e não tínhamos nenhum poder de chamar de Teologia da Libertação. No início do programa se estabeleceu muito essa ênfase dialética do estudo da religião. As perguntas, na época, eram: qual o papel da religião no contexto de pobreza, opressão e repressão na América Latina e no Brasil? O que significa fazer estudo da religião e Ciências da Religião nesse contexto? Portanto, o fenômeno religioso era mesmo objeto de uma visão dialética do aparecer e do contexto social em que a religião está aparecendo e que papel ela deveria ter, como deveria ser estudada. E, ao mesmo tempo, a preocupação era de reflexão e ação, porque na época não havia ninguém que fosse apenas cientista, todos nós também estávamos engajados contra a ditadura. A luta era dura por uma sociedade mais justa. Enfim, o cientista também era um ativista. Ah! Havia aqueles que só faziam Ciência da Religião ou só faziam Sociologia, Antropologia, Direito. As comissões de direitos humanos se espalharam pelo Brasil todo, enfim era uma época que todo mundo precisava arregaçar as mangas e trabalhar, trabalhar cientificamente e trabalhar na militância também. Por isso houve essa conotação muito intensa que o nosso programa também tinha, essa característica de estarmos de mãos dadas com a Teologia da Libertação e com as comunidades de base para um trabalho científico e, ao mesmo tempo, porque não dizer, militante no sentido sócio-econômico-político. Era isso que eu queria dizer para descartar a informação de que naquela época houve uma visão fenomenológica fundante da nossa teoria. Foi depois, nos anos noventa, que se começou a introduzir os referenciais fenomenológicos: Otto Eliard. Seguiu-se até um certo exagero, que pode ser criticado por ter uma visão meio excludente da fenomenologia, de exclusão de outras perspectivas. Mas no início não foi assim. Isso foi algo que aconteceu posteriormente.

Antonio Gouvêa Mendonça (UMESP e Universidade Mackenzie)

REVER: Qual sua avaliação crítica do processo de implantação dos cursos de Ciências da Religião no Brasil?

AGM: Me parece que os cursos de Ciências da Religião, tendo como pioneiros os da PUC-SP e Universidade Metodista de São Paulo em São Bernardo (UMESP), surgiram no Brasil sem uma crítica prévia ou qualquer análise de seus pressupostos. Pelo menos no caso da UMESP foi assim. Aliás, vou me deter no caso da UMESP porque é o que conheço melhor. Em meados dos anos setenta, a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, situada no Bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo (SP), criou um curso de mestrado em Teologia. Embora situada no campus da então Federação de Escolas Superiores do ABC, conhecida simplesmente por IMS (Instituto Metodista de Ensino Superior), a Faculdade de Teologia era autônoma como instituição. Mas, por circunstâncias que não vêm ao caso aqui, a Faculdade foi incorporada ao IMS e o programa de mestrado passou a fazer parte do respectivo centro de pós-graduação. Esse centro já abrigava outros quatro programas dedicados a outras áreas de conhecimento, todos de Ciências Aplicadas. Essa passagem implicou na mudança do nome do curso de “Teologia” para “Ciências da Religião”. Acredito que isso tenha se originado de dois fatores circunstanciais. Primeiro, o fato de que os cursos de Teologia não seriam oficialmente reconhecidos e não cabiam, portanto, em um conjunto de cursos superiores reconhecidos que não tinham ainda o status autônomo de universidade. Segundo, a própria condição e experiência de alguns de seus principais professores, oriundos da Faculdade de Teologia e que eram formados em Ciências Religiosas (*Docteur ès Sciences Religieuses*) na Universidade de Estrasburgo, França. Seus diplomas ofereciam o título acadêmico de Ciências da Religião com especialização em Teologia. Vemos aí uma situação inversa do que viria a ocorrer depois no Brasil: as Ciências da Religião ofereciam o pálio sob o qual se abrigava a Teologia.

REVER: Na sua avaliação, portanto, os cursos de Ciências da Religião surgiram numa tentativa de desestigmatizar estudos relacionados à religião?

AGM: Parece não ter havido nenhuma idéia a não ser a ditada pelas circunstâncias. Nenhum debate ou estudo que pusesse em relevo questões de ordem científica em favor das Ciências da Religião. O que houve foi um salto histórico na apropriação de um estágio

avançado da questão já em uso na Europa. Houve entre nós a tentativa de superação abrupta de uma tradição arcaica, marcada pela dupla presença de dois fatores antagônicos que imobilizavam qualquer pretensão de considerar a religião como objeto de ciência: a Teologia metafísica com seus absolutos universais, de um lado, e o Positivismo que se batia pela superação desse estágio como empecilho do progresso científico, de outro. A falta de uma fundamentação inicial iria provocar depois de alguns anos um debate que ainda se prolonga. A intenção nunca esteve muito clara nos primeiros tempos, isto é, nos dez ou doze anos seguintes à criação dos cursos. Eu diria que houve uma primeira preocupação em definir, ou melhor, em distinguir Ciências da Religião de Teologia quando da fundação, em 1993, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião, a ANPTER. Depois dos preparativos iniciados um ano antes, nas dependências da UMESP e sob a inspiração e estímulo do professor Ricardo Ribeiro Terra, então presidente da Comissão de Avaliação da CAPES, a eleição da primeira diretoria deu-se na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e foi precedida por estudos e debates a respeito das relações entre Ciências da Religião e Teologia. Não esteve em jogo a Teologia, mas as possibilidades científicas das Ciências da Religião. Era intenção da ANPTER, entre outras coisas, ampliar esse debate em seminários e reuniões nacionais e mesmo internacionais. Contudo, a ANPTER não teve o sucesso esperado e o assunto ficou latente. Sete ou oito depois a própria CAPES viria a questionar um dos cursos de Ciências da Religião, por sinal um dos pioneiros, isto é, o da UMESP, por apresentar um perfil voltado mais para a Teologia do que para Ciências da Religião. Na reunião fundante da ANPTER os debates apenas tangenciaram a questão da diversidade da nomenclatura dos cursos, quer dizer, se falávamos de Ciências da Religião, Ciência da Religião ou Ciência das Religiões e assim por diante. Isso parecia não ser relevante naquele momento. Aliás, a própria UFJF, que nos hospedava, optara pelo nome de Ciência da Religião, que conserva até hoje. Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, um dos fundadores desse curso e seu primeiro coordenador, numa carona que me deu no Rio, de Copacabana até o aeroporto Santos Dumont, tentou me demonstrar que a nomenclatura “Ciência da Religião” é mais adequada do que “Ciências da Religião”. Não chegamos a resultado algum porque o tema era mais amplo do que o tempo e a distância a ser percorrida. Como eu já disse, não se partiu de uma idéia nuclear, básica e de contornos definidos, mas de uma tentativa de distinção circunstancial da Teologia pelos

motivos já expostos. Contudo, o próprio nome do curso, com “ciência” no plural, já indicava a intenção de criar um curso pluridisciplinar, em que diversas ciências autônomas pudessem convergir para um objeto único que seria a religião.

REVER: O senhor apontou uma tentativa de superação do “arcaísmo”, ou, pelo menos, de afastamento de um perfil (o teológico) que poderia ser colocado sob suspeita pelas ciências tradicionais. A implantação do curso de Ciências da Religião na UMESP teve êxito nesse intento?

AGM: O curso da UMESP tem carregado ao longo dos anos um perfil fortemente teológico, o que lhe tem causado restrições por parte da CAPES. De tempos para cá vêm sendo envidados esforços para chegar a um desenho mais nítido de Ciências da Religião. Dada, porém, a tradição e o peso que tem o curso da UMESP no cenário brasileiro dessa área de conhecimento, os esforços são sempre maiores do que seriam em outras circunstâncias. No entanto, não se pode negar que a Teologia sempre ronda, próxima ou distante, os cursos de Ciências da Religião no Brasil. Acusações como a de secularização da Teologia e, particularmente, o receio por parte das instituições eclesiais de que as Ciências da Religião, por tratarem a religião de maneira racional e científica, podem significar perda de controle do poder religioso, são fatores que dificultam ainda o progresso da área. Eu acrescentaria ainda, neste ponto, a sensível ausência, na maioria dos cursos de Ciências da Religião, de disciplinas e linhas de pesquisa dedicadas às religiões não-cristãs. Cabe acrescentar que a totalidade dos professores da UMESP tinha formação teológica, com exceção, creio, deste entrevistado, que já entrava com formação diversa, em Filosofia e Sociologia.

REVER: Na sua avaliação, quais as mudanças recentes no campo das Ciências da Religião no Brasil?

AGM: O número de cursos de pós-graduações em Ciências da Religião no Brasil no mínimo triplicou nos últimos anos. Não tenho acompanhado de perto a evolução dessa área de conhecimento, mas acredito que, na média, houve mudanças com a inclusão de novas disciplinas, como Literatura Religiosa não-cristã, Filosofia, Psicologia e História das Religiões. Não estou em dia com o assunto e, portanto, não posso ir muito adiante. Embora

esse fato seja significativo, o mais importante seria investigar se houve, e em que medida, algum sinal de independência em relação à Teologia.

REVER: Qual sua história dentro do curso de Ciências da Religião da UMESP?

AGM: Quando cheguei à UMESP, então Instituto Metodista de Ensino Superior, em 1979, fui ensinar Filosofia no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social. Já funcionava o mestrado em Ciências da Religião. O nome oficial do curso é Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, e sua unidade maior é a Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Um fato curioso é que, convidado por Prócoro Velasques Filho, o primeiro coordenador do curso, comecei a dar aulas de “Religião no Brasil”, o que fiz por dois semestres sem possuir nenhum título além da graduação em Filosofia. Prócoro confiou em mim quando afirmei que defenderia minha tese naquele ano, o que de fato aconteceu, em 29 de novembro de 1982. Fiquei sabendo depois, por outras pessoas, que aquele saudoso colega e amigo resistira à constante pressão do diretor geral do IMS, que tinha razões de sobra para que me afastasse. De direito, não posso me considerar fundador do curso. Minha contribuição consistiu na plena integração no corpo docente inicial com tempo exclusivo ao lado de Prócoro e Jaci Maraschin. Juntos, “vivíamos” o curso com entusiasmo e fervor intensos. Depois de ocupar o cargo de coordenador geral de pós-graduação, exerci o de coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião por quatro anos, isto é, entre 1990 e 1993. Foi nesse período que criamos o doutorado, cujo projeto tive a oportunidade de preparar. Foi um período de mudanças e minha participação na comissão de avaliação da CAPES aumentou muito minha experiência, o que reverteu em benefícios para o curso. Paralelamente, pude participar na fundação da malograda ANPTER e na criação do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, o IEPG, destinado a fazer convênios com instituições nacionais e estrangeiras, assim como buscar recursos externos para o avanço na pesquisa, publicações e, principalmente, bolsas para estudantes que delas necessitassem.

REVER: Como foi a implantação do curso de Ciências da Religião na Mackenzie?

AGM: Os mentores imediatos, com os quais mantive os primeiros contatos, foram Osvaldo Henrique Hack e Antonio Máspoli de Araújo Gomes, respectivamente, na época, chanceler da universidade e diretor da Escola Superior de Teologia. Durante o preparo do projeto, nos

momentos decisivos, esteve presente o então reitor da UPM, Cláudio Lembo. Contudo, na retaguarda estava a intenção decisiva da Igreja Presbiteriana, de criar um programa de pós-graduação em Teologia. Para isso, fora nomeada uma comissão presidida por Osvaldo H. Hack, da qual participavam Augustus Nicodemus Lopes (atual chanceler), Milton Ribeiro, então vice-reitor, Nilson de Oliveira e eu, como consultor convidado. As pessoas mencionadas foram ao mesmo tempo participantes e executoras de um projeto que vinha da igreja através da Junta de Educação Teológica, a JET. Antigos alunos do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP, Hack e Antonio Máspoli, com a experiência adquirida, desempenharam papel fundamental na execução do projeto. A intenção primeira da Igreja expressa pela JET era “o preparo de um projeto acadêmico que possa projetar o ensino teológico calvinista reformado além dos arraiais presbiterianos”. Parece porém que, além da motivação da igreja presbiteriana, era evidente a ausência de um curso de pós em Teologia na Grande São Paulo que visasse especialmente aos segmentos protestantes.

REVER: Como foi o seu ingresso no curso da Mackenzie?

AGM: Eu já havia anunciado a intenção de me aposentar da UMESP quando fui convidado por Osvaldo H. Hack para assessorar a criação de um curso de pós-graduação em Teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Decidi prorrogar por um pouco minha aposentadoria atraído pela idéia inicial do projeto que, em termos mais concretos, significava estudar uma tradição religiosa, no caso, a Reforma - principalmente a calvinista -, em seus aspectos mais amplos e significativos em relação ao que geralmente se alude como “Protestantismo e progresso no mundo ocidental”. Seria a oportunidade por mim sempre alimentada de criar um centro autônomo de pesquisa voltado para o estudo do Protestantismo em sua relação com a cultura, a economia e as instituições políticas, e em que medida teria contribuído ou não para o assim chamado “mundo moderno”. O projeto, talvez por demais ambicioso, incluía publicação das obras dos reformadores e sobre a Reforma, à semelhança do que há tempos vem fazendo o Protestantismo luterano no Brasil. Estimulado pela idéia central da JET, preparei um projeto de mestrado em Teologia em que esta se apresentava no limiar entre a “Ciência Divina”, estritamente eclesial e normativa, e as “Ciências Humanas” voltadas para as fontes criadoras de sentido. Minha contribuição, em suma, foi a de cumprir meu papel de assessor produzindo um projeto que, passando pelas

instâncias competentes, foi afinal aprovado. A fim de fazer a necessária complementação entre a transmissão de conhecimento (ensino) e a produção de conhecimento (pesquisa), preparei também um projeto para um centro de pesquisas que veio a se chamar Núcleo de Estudos da Reforma, em que várias linhas buscavam convergir para a idéia central e original. A titulação acadêmica dos professores no projeto inicial foi muito diversificada, sendo que só um era doutor em Teologia e nem mesmo chegou a dar aulas no curso. Cerca de um terço era titulado em Ciências da Religião. O curso foi oferecido aos portadores de diplomas de curso superior oficialmente reconhecido. O exame de seleção constava de prova escrita sobre tema tirado de bibliografia previamente indicada, análise do projeto de estudos e entrevista, além do exame de proficiência em línguas. Este processo continua até agora.

REVER: Por que razão um projeto feito para a Pós-Graduação em Teologia se transformou em Ciências da Religião?

AGM: Duas razões fáceis de entender, porém fundamentais, levaram a CAPES a mudar o rumo do projeto. Uma delas, é necessário reconhecer, foi a posição limítrofe que o projeto apresentava na relação entre Teologia e Ciências da Religião. Esse perfil do projeto fora intencional pelas razões que já mencionei. A outra, mais decisiva, foi a composição de um corpo docente que não sustentava, pela titulação dominante, o perfil de um curso de pós-graduação em Teologia. Assim, a comissão visitante da CAPES foi de parecer que o curso deveria ser de Ciências da Religião e não de Teologia. Desse modo, o curso foi aberto no segundo semestre de 2002 como mestrado em Ciências da Religião. Essa mudança de rumo causou naturalmente desconforto entre seus idealizadores, o que é compreensível. Isto, antes de qualquer discussão a respeito do tema ainda candente da relação entre Teologia e ciência. Antigos temores girando em torno de secularização e racionalismo que significariam confronto entre Teologia e Ciências da Religião voltaram à tona, fato que, é necessário reconhecer, poderia eventualmente provocar alguma dificuldade.

REVER: Como o senhor vê esses temores?

AGM: Caminho, reconheço, pelos trilhos já por mim sulcados em diversos trabalhos publicados desde 1997. Dou como exemplo o primeiro capítulo do meu livro “Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos”, em que, servindo-me de algumas posições do teólogo luterano

Wofhart Pannenberg (*Theology and the Philosophy of Science*, 1976), tentei mostrar que, ressalvadas suas peculiaridades, não há razão para se excluir a Teologia do rol das ciências e que, como tal, ela pode com justiça, fazer parte do conjunto das Ciências da Religião. Posteriormente avancei pela fenomenologia na tentativa de explicar que é equivocado afirmar qualquer conflito entre Teologia e Ciências da Religião dada a divergência de objeto entre elas: o objeto da Teologia é o sagrado, o divino, Deus, e o das Ciências da Religião é, obviamente, a religião. Aquela, parte de um conhecimento revelado e, esta, da experiência humana com o sagrado, do fenômeno religioso que se expressa na cultura e nas instituições humanas. Quando a Teologia entra como componente das Ciências da Religião, deixa-se de lado qualquer consideração a respeito de seus fundamentos revelados para se levar em conta que se trata de um saber (*epistème*) consagrado pela tradição, organizado, metódico e, principalmente, responsável por quase toda organização da vida humana.

REVER: Na sua avaliação, qual o destino das Ciências da Religião dentro do cenário acadêmico brasileiro?

AGM: Dada a tradição da Teologia entre nós, de um lado, e da forte crítica do pensamento positivista, ainda latente e às vezes até inconsciente, que a afasta das universidades laicas, principalmente as públicas, é de se crer que elas permaneçam ainda por muito tempo reservadas aos espaços das universidades confessionais. Assim, enquanto os estudos científicos da religião continuarem sob o pálio da Teologia, o conflito continuará. A solução do impasse estaria em colocar as coisas em seus próprios lugares, isto é, deslocar a religião como objeto científico propriamente dito para a área das Ciências da Cultura, seja através de linhas específicas de pesquisa ou de centros, núcleos ou mesmo departamentos de estudos de religião. Desse modo, ao mesmo tempo em que as Ciências da Religião ficariam livres das desconfianças que as impedem de avançar no conhecimento mais amplo do fenômeno religioso, incluindo as religiões não-cristãs, a Teologia poderia cumprir, através de estudos avançados de pós-graduação e pesquisa, o fundamental papel de aperfeiçoamento profissional dos agentes religiosos, bem como o de favorecer o surgimento de uma reflexão teológico-crítica importante não somente para as instituições religiosas, mas também para a cultura.